

O HOMEM E A DOR

O homem de concepções indefinidas,
Que tatêia nas trévas da ignorância,
Nada regista além da substânci
Da carne estranha que sufóca vidas.

Faminto nos celeiros da abundância,
É o herdeiro da lágrima, em feridas,
Sepultado em micróbios homicídias,
Outro Job, pela chaga e mendicância.

É êsse homem que, cégo á luz divina,
Arma os canhões para a carnificina,
Sonâmbulo sem luz, sem paz, sem norte;

Mas a dôr que lhe assiste as derrocadas,
Modifica-lhe as míseras estradas,
Nas expressões irônicas da morte.

A. dos Anjos.

NO ESCÂNDALO DA CRUZ

Finda a crucificação, espraiou o Mestre o olhar pela turba inconsciente. As opiniões controditórias do povo alcançavam-lhe os ouvidos. Ocultavam-se os beneficiários de seu amor. Era constrangido, agora, a permanecer entre o insulto dos acusadores e o escárneo da multidão.

Angustiado, identificava a maioria dos semblantes.

Alí, comprimiam-se pessoas da cidade que lhe conheciam a missão divina; mas além, acotovelavam-se romanos aos quais socorrera, generoso, ou romeiros de regiões diversas, que lhe deviam favores e benefícios. Quasi todos haviam comparecido á festividade de sua entrada triunfal em Jerusalém, comentando-lhe o feito, na ressurreição de Lázaro, ou recordando-lhe, entusiasmaticamente, a virtude, a cooperação, o ânimo e o serviço.

Não haviam decorrido muitas horas e as mesmas bôcas ridicularizavam-no, sem piedade.

— Por que não reagira, em recebendo a ordem de prisão?

— Não seria razoável a fuga dos discípulos diante de sua tolerância em frente aos sequazes dos sacerdotes?

— Não salvara a tantos? por que não remediara a si mesmo?

— Ensinara a resistência ao crime e ás tentações... por que se entregava, assim, como desordeiro vulgar?

— Não seria vergonha atender a missionário como aquêle, incapaz de qualquer reação? Entretanto, um dia, indignará-se no templo, perante os mercadores infieis...

— Que razões o moviam a não recorrer á justiça do mundo?

— Contrariamente, a toda expectativa, aceitara a prisão sem resistência!

— Deixou-se conduzir como criança pela pior companhia, submeteu-se aos açoites e bofetadas...

— Deixou-se vestir de uma túnica escandalosa, êle que era simples e sóbrio por excelênciia, nem reclamou contra os espinhos com que lhe coroaram a fronte...

— Aceitou a cruz como se a merecesse e, por fim, ó ridículo supremo!, não se revoltou quando o exibiram no madeiro, seminú, sob apupos e gargalhadas...

Jesus ouvia as opiniões que se entrechocavam, guardando silêncio.

Onde estaria o Evangelho, se reagisse? para onde enviaria os seguidores de sua palavra se lhes abrisse no coração a sede de vingança? que seria do Reino de Deus, se pretendesse um reino dominador na Terra? onde colocaria a Justiça do Pai, se também duelasse com a justiça dos homens? onde situava o auxílio divino, de que era portador, se não desculpasse a ignorância? como demonstraria o amor de que se fizera pregoeiro, lançando chamas de cólera, exigindo reivindicações e castigando os escarnecedores, já de si mesmos tão infelizes? Deveria acusar publicamente os organizadores do escândalo, dando-lhes pasto aos sentimentos perversos ou deveria tratá-los com o silêncio, para que tivessem de enxergar a si próprios?

O Mestre esraiou o olhar pela multidão desvairada, lembrou-se dos amigos distantes e fixou os adversários presentes, meditou nas profundas perturbações da hora em curso, conside-

rou as necessidades espirituais de cada homem, compreendeu o imperativo da Vontade de Deus e, já que era indispensável dizer alguma cousa, movendo os lábios na direção do futuro de sua doutrina, levantou os olhos da Terra para os Céus e murmurou compassivo: “— Perdoai-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem...”

Emmanuel.